

S. JOSÉ, O CARPINTEIRO

“Ele levantou-se, de noite, tomou o Menino e Sua Mãe e partiu.” (Mt 2, 14)

A Sagrada Família segundo S. José

O Papa Francisco acaba de convocar o povo de Deus para a celebração de dois anos especiais: o ano de S. José, entre o dia 8 de dezembro de 2020 e o dia 8 de dezembro de 2021, e o ano da Família, entre o dia 19 de março de 2021 e junho de 2022. Não é por acaso que o ano de S José começa e termina na solenidade da Imaculada Conceição de sua esposa; e que o ano da família começa na solenidade de S. José, seu esposo. Deus quer que contemplemos a Sagrada Família a partir do olhar do seu chefe, S. José. Vamos a isso!

O chefe da Sagrada Família

S. José surge na Sagrada Família como o seu guardião, como o homem disposto a arriscar reputação, sonhos pessoais, conforto e, por fim, a própria vida pelo *“Menino e Sua Mãe” (Mt 2, 20)*. S. Paulo dirá mais tarde: *“Maridos, amai as vossas mulheres como Cristo amou a Igreja e Se entregou por ela.” (Ef 5, 25)* De facto, os quatro sonhos de S. José revelam-nos um Deus que confia plenamente no Seu escolhido para acolher, guardar e amar *“o Menino e Sua Mãe”*. Este cuidado não inclui apenas a segurança física de ambos, mas também a garantia do cumprimento *“de todas as prescrições da Lei” (Lc 2, 39)*. A José, cabia encontrar o tempo e o lugar certos para que a Sagrada Família pudesse realizar o sonho de Deus.

Naquele primeiro Natal, José procurou, aflito, um lugar para Jesus. Bateu a todas as portas, sem sucesso. Por fim, encontrou um pequeno curral, onde acomodou Maria. *“Com uns pobres paninhos e uma montanha de ternura” (EG n°286)*, Maria fez o berço para Jesus, como faria qualquer mãe. Mas foi José quem guardou a casa, quem reparou as fendas por onde o frio entrava e concertou as portadas. *“Reerguerás as ruínas antigas, reedificarás sobre os alicerces seculares; chamar-te-ão o reparador de brechas, o restaurador das moradias em ruínas” (Is 58, 12)*, diz o Senhor a Isaías, anunciando já a missão de José, profeticamente carpinteiro de profissão, capaz de transformar um curral numa casa.

Os chefes das nossas sagradas famílias

Olhemos então para as nossas famílias, também sagradas, também escolhidas por Deus, pelos olhos de José. Já em muitas ocasiões, o Papa Francisco nos lembrou que, se no passado se viveram tempos de machismo, hoje *“o problema não parece ser tanto a presença invasora do pai, mas sim a sua ausência, o facto de não estar presente. Por vezes o pai está tão concentrado em si mesmo e no próprio trabalho ou então nas próprias realizações individuais que até se esquece da família.” (AL n° 176)* De facto, parece haver, em muitos lares, uma falta deste sentido do marido e pai como *“o carpinteiro”* da sua família. E quando não há

ninguém a manter a estrutura, o trabalho da mãe, por muito criativo e educativo que seja, perde a sua força. Se é à mulher que, pela sua feminilidade e maior proximidade aos filhos, cabe construir um ambiente de oração, aprendizagem e crescimento, é ao homem que cabe construir a muralha em torno deste ambiente, protegendo-o, assegurando que os esforços da sua esposa são respeitados, que os sonhos que ela acalenta têm condições para se realizar, que os filhos obedecem à mãe e a honram, que **“todas as prescrições da Lei”** de Deus, da comunidade e do seu lar se cumprem. É ao homem que cabe – como a S. José –conduzir a família por caminhos que talvez ele mesmo não entenda, mas que o bem maior da sua família exige, **“diminuindo para que (a família) cresça” (Jo 3, 30).**

O homem será, assim, o primeiro a ajoelhar na oração familiar, ainda que possa ser a esposa a orientá-la; o primeiro a exigir que se chegue a horas à missa; o primeiro a sentar-se à mesa de jantar, dando o exemplo de como bastam dois segundos para se desligar o televisor; e o primeiro a agradecer a refeição à esposa, quando foi ela a fazê-la, para que também os filhos não saiam da mesa sem dizer “obrigado”.

Mulher e mãe

E o que espera o Senhor da mulher, diante desta vocação masculina? O que significa aquela palavra “submissão”, tão repetida nas cartas de Paulo e Pedro, bem como nos Evangelhos de Infância? Paulo concretiza em detalhes que, hoje, não nos dizem muito, como o véu na cabeça da mulher (cf. 1Cor 11, 10) ou proibindo a mulher de pregar (cf. Tim 2, 12). Trata-se da *letra da Lei* que, como em toda a Escritura, precisa de ser atualizada sem que se perca o *espírito da Lei* (cf. 2Cor 3, 6). Assim, hoje, submissão talvez possa simplesmente significar palavras de encorajamento e afirmação para com o nosso esposo, em vez da murmuração e da crítica, das insistências e exigências, infelizmente, tão comuns. Quando um homem percebe que a família confia na sua liderança suave e na sua proteção corajosa, que agradece os seus esforços e a sua entrega, como Maria e Jesus confiaram em José e lhe agradeceram tanto amor, ele vai querer estar à altura. Se, contudo, negligenciar o seu chamamento, continuemos a olhar para Maria: perante a iminência da separação de José, angustiado diante da sua gravidez, Maria manteve-se em silêncio, consciente de que as palavras nada podiam, mas sem perder a confiança no homem que Deus pusera no seu caminho; e rezou, renunciando a resolver os assuntos por suas mãos, certa de que Deus o faria bem melhor.

Compromisso

Contemplemos, este mês ainda de Natal, a Sagrada Família, procurando descobrir a nossa vocação nas nossas sagradas famílias. Estamos à altura dos sonhos de Deus para nós? Que S. José, o carpinteiro, nos ensine a construir e reconstruir as nossas muralhas! *Jesus, Maria e José, a nossa família vossa é! Amen.*